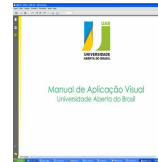




Universidade de Brasília



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

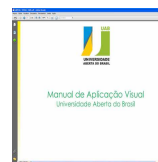
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

PARALISIA CEREBRAL E LIMITAÇÕES MOTORAS

Railda Silva Santos

Orientadora: Prof^a MSc Penélope Machado Ximenes Campos

BRASÍLIA/2011



**Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS**

Railda Silva Santos

PARALISIA CEREBRAL E LIMITAÇÕES MOTORAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização
em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar,
do Depto. De Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB\UNB.
Orientadora: Prof^a MSc Penélope Machado Ximenes Campos

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

RAILDA SILVA SANTOS

PARALISIA CEREBRAL E LIMITAÇÕES MOTORAS

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 29/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Profª MSc Penélope Machado Ximenes Campos (Orientador)

Erenice Natália Soares de Carvalho (Examinador)

RAILDA SILVA SANTOS (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho às pessoas com Paralisia Cerebral. Desejo que tenham igualdade de acesso à educação e participação plena e justa no que se refere a uma real inclusão social. Que as políticas públicas possam oferecer a essas crianças uma inclusão escolar contextualizada, de acordo com suas necessidades, sem discriminação e barreiras físicas e sociais.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos vão para os que contribuíram como objeto de estudo neste trabalho: os professores, famílias e alunos com Paralisia Cerebral. Agradeço, em especial, à Psicóloga Penélope e à minha irmã Railce pelo apoio e compreensão que me foi dado no momento mais difícil de minha vida. Talvez, se não fosse possível contar com a compreensão dessas pessoas, eu não teria chegado até aqui.

Um pé de milho

Um pé de milho sozinho, em um canteiro espremido, junto do portão, numa esquina de rua - não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas - mas na lógica de seu crescimento, tal como vi numa noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empinado, de crinas ao vento e em outra madrugada, parecia um galo cantando. Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendooou. Há muitas flores lindas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que me fazem bem. É alguma coisa que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. Eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever.

Rubem Braga

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade compreender, por meio de pesquisa de campo e bibliografia que crianças com Paralisia Cerebral acometidas de um sério déficit motor podem apresentar condições cognitivas para desenvolver-se, aprender, adquirir autonomia, desde que seja trabalhada com recursos e ferramentas adaptados que nas suas dificuldades. No primeiro momento, oferecida uma abordagem sobre a questão da deficiência de um modo geral. No segundo momento conceituado a Paralisia Cerebral e suas características e logo após será realizado uma reflexão teórica sobre a construção do conhecimento de uma criança acometida dessa deficiência. A metodologia será fundamentada na prática pedagógica tendo como respaldo a aplicação de um questionário a alguns professores que trabalham com esses alunos especiais. Foi observado que os professores acreditam em uma inclusão efetiva das pessoas com paralisia cerebral. No entanto, alguns colocam a necessidade de um preparo mais direcionado. Com os resultados obtidos através dos questionários pode-se observar que é possível um aprendizado satisfatório, apesar de uma dificuldade motora significativa, desde que, seja oferecido um ambiente com atividades lúdicas e ferramentas adaptadas que auxiliem nas dificuldades motoras significativas desse aluno com diagnóstico de paralisia cerebral.

Palavras- chave: paralisia cerebral, dificuldade motora e inclusão escolar

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
APRESENTAÇÃO.....	10
1.1 – Sobre a deficiência.....	12
1.2 Caracterização da criança com Paralisia Cerebral.....	14
1.3 Distúrbios associados à Paralisia Cerebral.....	17
II - OBJETIVOS	20
III - METODOLOGIA	20
3.1 - Instrumento de Pesquisa	21
3.2 - Local.....	22
3.3 - Participantes.....	22
3.4 - Procedimento de análise dos dados.....	22
IV - RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	34

APRESENTAÇÃO

Acredito na educação como processo de mudança e transformação tanto da pessoa, como da sociedade. Estamos vivendo esse processo de mudança com propostas voltadas à diversidade humana, o qual tem sido impulsionado pela inclusão de forma significativa. Minha área de atuação requer um olhar voltado para essas diferenças. Trabalhar com a diversidade e a singularidade da pessoa nos permite construir saberes e, conseqüentemente, ampliar nossa visão acerca desse processo. A educação inclusiva trouxe um novo olhar para a ação educativa e com ela vieram também os desafios.

A atuação como professora em um ambiente hospitalar propicia-me novos saberes, nos quais a teoria e a prática voltadas para o processo de desenvolvimento humano, educação e inclusão de pessoas com Paralisia Cerebral e outras deficiências fazem parte do meu cotidiano. Essa experiência significativa gera algumas angústias e inquietações acerca da inclusão escolar dessas crianças que apresentam paralisia cerebral.

Assim surgiu a ideia dessa pesquisa. Diante das dificuldades apresentadas por alunos com lesões cerebrais no processo de ensino-aprendizagem, é importante que nós, educadores, procuremos conhecer como se dá o processo do desenvolvimento cognitivo dessas crianças para facilitarmos o seu aprendizado, ainda que algumas limitações retratem um quadro motor importante.

Este trabalho se propôs a estudar a importância das significações, de acordo com a perspectiva histórico-cultural, no processo de desenvolvimento da pessoa com paralisia cerebral. Segundo Vigotski, isso só é possível com a mediação do outro. De acordo com a sua teoria *toda função psicológica superior foi externa, isto significa que ela foi social; antes de se tornar uma função, foi a relação social entre duas pessoas.* (VIGOTSKI, 1989, p.56).

Quando um sujeito tem uma limitação motora bastante significativa é frequente que este seja visto como um ser incapaz de desenvolver-se e a tendência é a segregação. A criança que nasce com paralisia cerebral pode ter um sério comprometimento motor, porém, no que se refere à inteligência, algumas dessas crianças podem apresentar um desenvolvimento cognitivo compatível com o que seria esperado para sua faixa etária. Se essa criança for bem assistida no seu processo de desenvolvimento e inclusão escolar, utilizando recursos de tecnologia assistiva que facilitem seu aprendizado e favoreçam o uso do material didático, ela será capaz de ter um bom desempenho escolar, alcançar autonomia e independência de acordo com o seu potencial cognitivo.

O objetivo deste trabalho foi compreender, por meio de pesquisa de campo e bibliografia que, crianças acometidas por um sério déficit motor podem apresentar condições cognitivas para desenvolver-se, aprender adquirir autonomia, desde que seja trabalhada com recursos e ferramentas adaptados que auxiliem em suas dificuldades.

O que favoreceria a superação destas questões seria a busca de uma nova visão no que se refere ao sentido da existência humana, uma vez que o homem não está determinado pela sua condição física, mental ou sensorial, mas principalmente por seu modo de ser autêntico e único. Superar a visão passiva e negativa da deficiência, entendê-la como mais uma possibilidade no universo da pluralidade de possibilidades e tratar seus alunos com paralisia cerebral como membros ativos da cultura, são medidas de garantia para a integração.

Hoje temos outros conceitos no que se refere à pessoa com necessidades especiais. Sabemos que por trás de uma dificuldade cognitiva ou motora existem potenciais a serem desenvolvidos, basta que tenhamos essa consciência e oferecer a esses alunos ferramentas alternativas que proporcionarão o ensino-aprendizagem.

Além da revisão bibliográfica, o presente estudo contou com a participação de quatro professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) que foram submetidos a um instrumento em forma de questionário contendo algumas questões referentes à eficácia do ensino às pessoas com paralisia cerebral. Deu-se prioridade aos professores que trabalhavam ou já tinham trabalhado com crianças acometidas por uma lesão cerebral com dificuldades motoras. O questionário teve como objetivo trazer uma visão de como tem sido esse processo de inclusão em uma escola regular, bem como retratar a expectativa dos professores em relação a esses alunos aos alunos com paralisia cerebral no que se refere ao aprendizado, independência e autonomia. Foram elaboradas dez questões de forma objetiva para que os professores pudessem fazer suas colocações de maneira expansiva. O critério para estudo foram crianças com paralisia cerebral que estão estudando em escolas regulares.

Acreditamos que seja importante que as escolas que atendem crianças com necessidades especiais possam ter um conhecimento geral sobre a patologia que essas apresentam. Dessa forma, o professor passará a ter mais condições de ver as limitações destes alunos não mais como impedimento para o aprendizado, mas sim como algo que possa ser trabalhado de forma adaptada para o auxílio das dificuldades. É importante também que o aluno com necessidades especiais não seja visto de forma generalizada. Muitas vezes, ao nos depararmos com um aluno que apresenta um quadro motor com um comprometimento importante, tendemos a

igualar sua capacidade cognitiva às limitações motoras, ou seja, ele é aquilo que o seu corpo representa.

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 – Sobre a deficiência

Ao longo da evolução histórica o conceito de deficiência passou por várias transformações. No século XIX, essas pessoas eram segregadas, as famílias escondiam seus filhos deficientes, os mesmos eram considerados como uma pessoa doente, incapaz de conviver em sociedade, sendo excluídas do convívio social e sem direito de freqüentar a escola. A Declaração de Salamanca (1997) faz um retrato desse processo histórico de segregação da pessoa com deficiência e traz propostas de inclusão dessas pessoas com direito à educação e convívio social.

A identidade da pessoa com deficiência foi construída ao longo desse processo por diversos olhares. A Constituição Federal de 1891 preconizava que a pessoa com deficiência era incapaz de conviver com o outro. Contudo, ao longo desse processo a questão das pessoas com deficiência foi expandindo-se e, de certa forma, despertando interesse das pessoas comprometidas com a educação na época. Assim foram surgindo Políticas Públicas voltadas para esse contexto como é o caso da Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e bases - LDB, a Política para a Educação Especial, a Declaração de Salamanca (1997) e até os Direitos Humanos. Hoje a deficiência é vista por outro prisma, com direitos e acessos primados em uma sociedade inclusiva. Ou seja, a pessoa com deficiência tem uma nova identidade gerada pelo meio social, pela cultura e o ambiente em que vive.

Para entendermos o conceito da palavra deficiência fizemos alguns recortes voltados para conceituação desse termo. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (1976), deficiência é o substantivo atribuído a toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica. Refere-se, portanto, à biologia do ser humano. Alguns autores trazem uma definição mais voltada às questões sociais. Em 1970, no Reino Unido e nos Estados Unidos, surgiu a revolução dos estudos sobre deficiência. De uma visão biomédica, restrita aos saberes médicos, psicológicos e de reabilitação, a deficiência passou a ser também um campo das humanidades: o termo deficiência deixou de ser uma simples

expressão de lesão que impõe restrições à participação social de uma pessoa (DINIS, 2007, p.11).

Diante de tais colocações Sasaki (2006) faz uma trajetória ainda que superficialmente da deficiência. Nessa trajetória a pessoa com deficiência era classificada de acordo com os valores de cada sociedade, sendo ora chamadas de pessoas com deficiência, ora pessoas excepcionais ou pessoas com necessidades educacionais especiais. Sabemos que o termo não é tão significativo, o importante é o respeito à diversidade e singularidade de cada um.

Quem é deficiente para o modelo social da deficiência? Para responder a essa pergunta, foi preciso enfrentar a tensão entre corpo e sociedade. Seria um corpo com lesão o que limitaria a participação social ou seriam os contextos poucos sensíveis à diversidade que segregariam o deficiente?

Originalmente, a primeira organização social sobre deficiência (UPIAS), propunha uma definição de lesão e deficiência amparada em uma perspectiva política de expressão social (DINIS, 2007, p.17). Para eles, lesão seria a ausência parcial ou total de um membro, organismo ou mecanismo corporal defeituoso. A deficiência seria a desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco ou nada considera para aqueles que possuem lesões físicas ou que são excluídos das principais atividades da vida social (p.17). Então, segundo a autora, a lesão seria um dado corporal isento de valor, ao passo que a deficiência seria o resultado da interação de um corpo com lesão em uma sociedade discriminatória. Lesão é uma expressão do biológico. De acordo com esse paradigma social, a deficiência não deveria ser matéria exclusiva dos saberes biomédicos, mas principalmente de ações políticas e de intervenção do Estado.

Esses dois modelos objetivos abriram caminho para um novo olhar sobre a deficiência. Para o modelo social da deficiência, as causas da segregação e da opressão sofrida deveriam ser buscadas não nas barreiras sociais que dificultavam ou impediam sua locomoção em cadeira de rodas. A ideia era simplesmente ir além da medicalização da lesão e atingir as políticas públicas para a deficiência. No entanto, o termo "Deficiente" passou a ser um conceito político: a expressão da desvantagem social sofrida pelas pessoas com diferentes lesões. Segundo Oliver e Barnes (2007, a expressão pessoa com deficiência sugere que a deficiência é propriedade do indivíduo e não da sociedade, ao passo que "pessoa deficiente" ou "deficiente" demonstra que a deficiência é parte constitutiva da identidade das pessoas, e não um detalhe. "Deficiente" seria, portanto, um termo politicamente mais forte que "pessoa com deficiência", muito embora alguns autores utilizem ambos de modo indiscriminado (DINIS, p.23).

Estes termos eram utilizados com frequência até a década de 80. A partir de 1981, por influência do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, começa-se a escrever e falar pela primeira vez a expressão *pessoa deficiente*. O acréscimo da palavra pessoa, passando o vocábulo deficiente para a função de adjetivo, foi uma grande novidade na época. Aos poucos entrou em uso a expressão pessoa portadora de deficiência, frequentemente reduzida para *portadores de deficiência*. Por volta da metade de 90, entrou em uso a expressão *pessoas com deficiência*, que permanece até os dias de hoje (SASSAKI, 2003, p.12).

A pessoa especial pode ser acometida de deficiência única - quando atribuída a um só grau de comprometimento, ou deficiência múltipla – associada a uma ou mais deficiências. Deficiência das funções cognitiva e subsequentes pode ser resultado de várias circunstâncias: acidentes de parto, acidentes vasculares, quedas, acidentes esportivos ou ainda desordens neurológicas, causadas por paralisia cerebral, Alzheimer, Parkinson, esclerose múltipla e esquizofrenia, dentre outros fatores.

1.2 Caracterização da criança com Paralisia Cerebral

..

As crianças que apresentam lesões cerebrais com comprometimentos motor, como já citado anteriormente, estão impossibilitadas de terem completo domínio de suas coordenações voluntárias, algumas mais leves, outras mais graves. Ou seja, são lesões irreversíveis, que as deixam incapacitadas de andar, falar e escrever de forma convencional, bem como apresentam limitações, em maior ou menor grau em outras atividades de vida diária. Sendo que, apesar dessas limitações motoras, elas não apresentam comprometimento cognitivo e intelectual. Suas limitações motoras as impossibilitam de construir o conhecimento a partir de experiências físicas e manipulações, a qual normalmente a corporeidade estaria presente em sua plenitude durante o processo de aprendizagem. Tudo é significativo quando há um contexto de interação com o outro. Se dermos chance para que essas crianças experimentem, ainda que de forma diferenciada, porém de acordo com suas limitações as atividades que produzem significados, elas terão mais chances de desenvolver seu aprendizado.

De acordo com a proposta de uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento (Vigotski, 1997) o movimento de produzir significado supõe a ação do outro, acontece com o outro e então é possível produzir significado com o gesto,

com o silêncio, como também com a expressão facial. (PADILHA, 2000, p.10). Esta colocação pode ser vista de forma efetiva na fala de um dos professores pesquisados (veja trecho da resposta dada abaixo). Pelo que foi observado sua forma de trabalho pedagógico condiz com uma visão de ensino voltada para a subjetividade e peculiaridade de cada aluno.

“De que forma você percebia que seu aluno com Paralisia Cerebral tinha ou não tinha capacidade de aprender? Resposta: Através da atenção, a vontade de participar do planejamento individual...” (Quest. Nº3 em 11/03/2011).

Dentre as deficiências apresentadas, será dada ênfase a questões da inclusão escolar de crianças com paralisia cerebral que apresentam um quadro significativo quanto às habilidades motoras.

A busca de definição da Paralisia Cerebral tem uma longa história. Encontram-se relatos da existência da Paralisia Cerebral em Civilizações muito primitivas. É sabido que em Esparta (Grécia Antiga), época anterior à Idade Média, crianças portadoras de Deficiência Física e Deficiência Mental, eram consideradas subumanas, o que legitimava a sua eliminação ou abandono, prática esta perfeitamente coerente com os ideais atléticos e clássicos, que serviam de base àquela organização sociocultural. (Pessotti,1984, p. 78).

A paralisia cerebral foi inicialmente descrita em 1843, por William John Little, cirurgião inglês, sendo detalhada, anos depois, em seus vários tipos por Phelps, cirurgião ortopedista (Bleck, 1979, p 132). Sigmund Freud publicou um trabalho em 1897 caracterizando o termo Paralisia Cerebral (Die infantile cerebral lahmung). Muitas investigações têm sido feitas desde então, e vários sistemas de classificação foram propostos. Segundo Bleck, a Paralisia Cerebral é uma desordem não progressiva do movimento ou postura que se inicia antes da maturação do sistema nervoso central e é causada por mau funcionamento ou dano no cérebro.

Assim, Paralisia Cerebral é definida como um distúrbio do movimento ou da postura decorrente de lesão cerebral não progressiva, que ocorre durante o período do desenvolvimento cerebral, limitando-se à infância.

“Paralisia Cerebral descreve um grupo de desordem do desenvolvimento do movimento e da postura causando limitação da atividade a um distúrbio não progressivo que ocorre no desenvolvimento fetal ou no cérebro do lactente. A desordem motora da paralisia cerebral é normalmente acompanhada por distúrbios de sensação, cognição, comunicação, percepção, e comportamento, por crise epilética e por problemas músculos esqueléticos secundária” (ROSEMBAUM, 2007,p.9).

O tipo de alteração do movimento observado está relacionado com a localização da lesão no cérebro e a gravidade das alterações e extensão da lesão. A pessoa que apresenta um quadro de paralisia cerebral é classificada de acordo com

a alteração de movimento que predomina. Formas mistas são também observadas. A dificuldade de coordenação motora e alteração do tônus muscular são dificilmente classificáveis no início do desenvolvimento. Somente ao final do primeiro ano de vida- às vezes somente durante o segundo ou terceiro ano de vida – é que se torna possível diferenciar os diversos tipos e Paralisia Cerebral. Raramente estas formas da Paralisia Cerebral são nitidamente diferenciáveis podendo-se observar a presença de diversos componentes numa mesma forma. O importante é considerar quais os componentes que interferem mais significativamente no desenvolvimento da criança.

Quando a lesão está localizada na área responsável pelo início dos movimentos voluntários, trato piramidal, o tônus muscular é aumentado, isto é, os músculos são tensos e reflexos são exacerbados. Esta condição é chamada de **paralisia cerebral espástica**. A espasticidade se subdivide em espasticidade grave moderada e leve. Caracteriza-se também com tônus muscular aumentado que varia dependendo do esforço, emoção, fala e a presença de reflexos primitivos. Dentro do quadro da Paralisia Cerebral espástica, temos: a tetraplegia, diplegia espástica e hemiplegia espástica.

A tetraplegia está geralmente relacionada com problemas que determinam sofrimento cerebral difuso grave (infecções, hipóxia e traumas) ou com malformações cerebrais graves. As crianças com envolvimento dos braços, das pernas, tronco e cabeça (envolvimento total) têm tetraplegia espástica e são mais dependentes da ajuda de outras pessoas para a alimentação, higiene e locomoção. Ilustração abaixo. A diplegia espástica ocorre quando a lesão atinge principalmente a porção do trato piramidal responsável pelos movimentos das pernas, localizada em uma área mais próxima dos ventrículos (cavidades do cérebro). Neste quadro o envolvimento dos membros inferiores é maior do que dos membros superiores. Esta forma é menos grave do que a tetraplegia e a grande maioria das crianças adquirem marcha independente antes dos oito anos de idade. Veja ilustração abaixo. Na hemiplegia espástica são observadas alterações do movimento em um lado do corpo, como por exemplo, perna e braço esquerdos. As causas mais frequentes são alguns tipos de malformação cerebral, acidentes vasculares ocorridos ainda na vida intra uterina e traumatismos crânio encefálico. As crianças com esse tipo de envolvimento apresentam bom prognósticos motor e adquirem marcha independente. Algumas apresentam um tipo de distúrbio sensorial que impede ou dificulta o reconhecimento de formas e texturas com a mão do lado de hemiplegia. Estas crianças têm muito mais dificuldade pra usar a mão. Ilustração abaixo.

Quando a lesão está localizada nas áreas que modificam ou regulam o movimento, trato extrapiramidal, a criança apresenta movimentos involuntários que

estão fora de seu controle e os movimentos voluntários estão prejudicados. Esta condição é definida como paralisia cerebral com movimentos involuntários, trato extrapiramidal, a criança apresenta movimentos involuntários onde evolui para forma coreoatética ou distônica. Os movimentos involuntários podem ser leves ou acentuados e são raramente observados durante o primeiro ano de vida. Nas formas graves, antes desta idade a criança apresenta hipotonia (tônus muscular diminuído) e o desenvolvimento motor é bastante atrasado. Muitas crianças não são capazes de falar, andar ou realizar movimentos voluntários funcionais e são, portanto, dependentes para a alimentação, locomoção e higiene. Ilustração abaixo.

1.3 Distúrbios associados à Paralisia Cerebral

Os distúrbios apresentados por uma criança acometida de limitações motoras nunca encontram-se limitadas no âmbito motor. Na maioria das vezes, eles se apresentam com uma multiplicidade de sintomas. Apresentam-se tanto como consequências diretas ou indiretas da lesão cerebral.

O distúrbio motor e um quadro convulsivo simultâneo, sem dúvida são consequências diretas da lesão. Complicações ortopédicas, por outro lado, são consequências indiretas, uma vez que surgem em decorrência das limitações motoras e não se apresentam ligadas diretamente às lesões cerebrais. Em outros distúrbios, esta diferenciação é mais difícil: podem ocorrer ambas as influências. O retardo mental ou distúrbio da percepção sensorial pode ser uma consequência direta como também indireta considerando as limitações da criança em aprender o mundo.

Os distúrbios associados, que podem ou não estar presentes no quadro de Paralisia Cerebral, são: alterações da sensibilidade; alterações da alimentação e fala; alterações do comportamento; crises convulsivas; alterações sensoriais e da percepção sensorial; alterações do desenvolvimento perceptivo e cognitivo.

A função motora está estreitamente interligada a um mecanismo sensorial motor intacto. As crianças com paralisia cerebral apresentam alterações em percepções fundadas tais como cinestesia e propriocepção. Também ocorrem alterações na percepção superficial como discriminação de dois pontos, diferenciação de estímulos, dentre outros.

A lesão motora também acomete os músculos orofaciais que comprometem as funções do queixo, língua, labiosegargata. A sensibilidade deste campo oral pode estar alterada. Isto influencia consideravelmente a alimentação, o balbúcio e mais tarde a fala.

O comportamento de uma criança com paralisia cerebral é determinado não só por seu cérebro, mas também por seu meio. Algumas alterações podem se agravar ou até diminuir considerando as possibilidades que a criança venha a desenvolver. Podem-se observar alguns aspectos no comportamento destas crianças: dificuldades de atenção e concentração; mudança constante de interesses; hiperatividade sem objetivo; reações fortes ou ausentes frente mudanças ou situações novas e desconhecidas; processos de pensamento repetidos ou perseverantes.

Muitas vezes estes aspectos são considerados como “crianças difíceis”, “mal educadas” e, respectivamente tratadas levando, conseqüentemente, os reais distúrbios e alterações de comportamento.

A maioria das crianças com paralisia cerebral apresentam problemas oftalmológicos. São quadros de estrabismo em virtude de acometimento da musculatura dos olhos.

Não é raro perceber-se atraso no desenvolvimento dos movimentos oculares, uma vê que a criança apresenta dificuldade em acompanhar um objeto passando pela linha média ou em movimento na linha vertical. Estas crianças normalmente parecem estacionar no primeiro ano de vida, parecendo ter mais interesse por estímulos como toque, cinestesia, gustação do que por estímulos distantes como visão e audição. As lesões auditivas são menos freqüentes, mas também podem estar presentes. Elas se referem à baixa da percepção auditiva ou mesmo surdes completa.

Distúrbios da percepção sensorial (dificuldade de reconhecimento dos estímulos, classificação e organização dos mesmos) no campo da percepção tátil e cinestesia, visual e auditiva são freqüentes. Estes distúrbios podem estar ligados aos fatores de desenvolvimento bem como a fatores orgânicos, uma vez que, estes distúrbios também podem estar presentes após um traumatismo craniano ou outro acidente.

No campo da percepção visual podemos destacar defasagens em cinco áreas mencionadas por Marianne Frosting: coordenação olho-mão; discriminação de figura- fundo; constância da forma; - Posição no ambiente; orientação espacial.

No campo da percepção tátil sinestésica estão acometidos principalmente o significado e localização de sensibilidade tátil e o reconhecimento de percursos de movimento. Isto influencia a percepção e o esquema corporal levando a outros significativos.

No campo da percepção auditiva, defasagens na compreensão de sons conduzem a atrasos na aquisição da fala.

Na maioria dos casos é difícil determinar quais os fatores que interferem no desenvolvimento da inteligência de uma criança. Porém é de fundamental importância que não sejam feitos prognósticos precoces que podem levar a uma resignação pedagógica.

As crianças com lesões cerebrais que apresentam comprometimentos motores, como já foram citadas anteriormente, estão impossibilitadas de terem completo domínio de suas coordenações voluntárias, algumas mais leves, outras mais graves. Ou seja, são lesões irreversíveis, que as deixam incapacitadas de andar, falar e escrever de forma convencional. Bem como apresentam-se limitadas, em maior ou menor grau em outras atividades da vida diária. Sendo que, apesar dessas limitações motoras, elas não apresentam comprometimento cognitivo e intelectual. Suas limitações motoras as impossibilitam de construir o conhecimento a partir de experiências físicas e manipuláveis, as quais normalmente, a corporeidade estaria presente em sua plenitude durante o processo de aprendizagem.

O importante é detectar as dificuldades no âmbito da inteligência, e com elas, determinados aspectos e pontos importantes para a estimulação. Basicamente deve se pontuar e estimular as capacidades e habilidades preservadas e não as dificuldades estabelecidas.

A intervenção no processo de ensino aprendizagem com essas crianças realmente exige mais técnica e preparação do professor. Nesse caso, segundo Vigotski (1997) o papel do professor como facilitador dos instrumentos culturais em atividades promove a aprendizagem, mesmo que esse aluno seja acometido de algum tipo de limitações, uma vez que o sujeito é socialmente cultural.(PADILHA,2000,p.1) Para ele, o que favorece o aprendizado é o ambiente cultural é social - os signos; as ferramentas; o desenvolvimento das funções superiores e as significações .(PADILHA,2000,p.17).

No entanto é importante que a escola, independente de ser inclusiva ou não, possa ver seus alunos como sujeito histórico-social, pois dessa forma fica mais fácil identificar quem é esse sujeito, quais são as suas chances de aprender, onde se deve investir para facilitar esse aprendizado. O que pode ser refletido na teoria de Vigotski quanto à questão da inclusão escolar é que a escola é de fundamental importância na instrução dessa criança, pois segundo o seu conceito de interação é possível trabalhar as dificuldades uma vez que, o movimento de produzir significado supõe a ação do outro, acontece com o outro e então é possível produzir sentido com o gesto, com o silêncio, com a expressão facial, com a prosódia acompanhando a oralidade, com a lembrança do passado incorporada ao presente. (PADILHA, 2000, p.10), É nesse contexto com o outro que o sujeito desenvolve-se.

Nesse contexto o recurso pedagógico atrelado ao recurso tecnológico proporciona ao aluno o acesso a comunicação e interação. O uso do computador tem tido resultados positivos no processo de aprendizagem da pessoa com paralisia cerebral. Existem outras ferramentas alternativas que facilitam não só na leitura e escrita como também na comunicação. Alguns deficientes, como já foram mencionados devido o seu comprometimento cerebral, tem dificuldades de comunicar-se. É utilizado com função de escrita para crianças cujo comprometimento motor impede o acesso ao teclado. (Atendimento psicopedagógico em uma instituição de reabilitação com paciente acometido de Paralisia Cerebral Espástica do tipo Tetraplegia.

II - OBJETIVOS

Compreender, por meio de pesquisa de campo e bibliografia que, crianças acometidas de um sério déficit motor podem apresentar condições cognitivas para:

Desenvolver-se;

Aprender;

Adquirir autonomia;

Desde que seja trabalhada com recursos e ferramentas adaptados que auxiliem nas suas dificuldades.

III - METODOLOGIA

O enfoque de pesquisa deste trabalho é de cunho qualitativo. De acordo com Triviños (1995), a pesquisa qualitativa surgiu naturalmente dentro da Antropologia, vários pesquisadores observaram que muitas informações a respeito do modo de vida dos povos não poderiam ser somente quantificadas, mas precisavam ser interpretadas, dando um novo olhar para a investigação no campo educacional.

A construção do conhecimento científico é um desafio no âmbito educacional e vem sofrendo mudanças nas duas últimas décadas, mudanças carregadas de paradigmas com aspectos ligados a modelos normativos que configuram um mundo

metódico e previsível, que não valorizam as crenças e valores do contexto sociocultural nos processos de construção do conhecimento.

Nesse contexto, Kindermann e Valsiner (1989) citado por *Maciel e Raposo* chamam a atenção para uma nova possibilidade de deixar de lado os dados pré-estabelecidos marcados pelos mitos da neutralidade científica, rumo aos novos paradigmas da ciência. Permitindo assim uma nova visão de que nenhum conhecimento é acabado e absoluto. Estamos em constante mudança e transformação.

Para Lüdke e André (2003) a pesquisa qualitativa ocorre em ambiente natural, onde o fenômeno estudado ocorre sem a manipulação do pesquisador. De acordo com Bogdan e Biklen (1982) *apud* Lüdke e André (2003, p. 13) a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Sabendo que o homem naturalmente constrói suas relações por que já é parte de uma realidade independente de seu contexto, tendo consciência ou não dos seus atos, normalmente o pesquisador, também já fazendo parte dessa realidade, irá através de uma pesquisa dar um significado, fazendo um recorte de um contexto, ambiente e realidade, aplicando um instrumento que permita realizar uma leitura de maneira contextualizada aos fatos, construindo resultados que nos levará uma forma de perceber uma realidade com possibilidades de mudanças possíveis e concretas diante do que foi investigado.

Considerando todas as características da pesquisa qualitativa, no qual essa se adequa à pesquisa que será realizada, pois os instrumentos apresentados permitiram investigar os fenômenos respeitando suas especificidades, favorecendo a investigação sem perder sua essência na análise dos dados.

Os sujeitos da pesquisa foram professores que atuam na Secretaria de Educação do DF. Como instrumento de pesquisa utilizou-se um questionário com perguntas abertas tendo como objetivo retratar de modo singular a atuação dos professores e a visão da inclusão dos alunos com Paralisia Cerebral e o processo de aprendizagem desses alunos.

3.1 - Instrumento de Pesquisa

A pesquisa teve como instrumento um questionário contendo 10 perguntas, sendo todas as questões abertas, onde os professores puderam expressar suas experiências. Por meio dessas questões, foram coletados alguns dados que

retratassem a eficácia do ensino às pessoas com paralisia cerebral que estudam em escolas regulares.

3.2 - Local

O trabalho foi realizado em uma Escola Classe, localizada no Setor Leste do Gama - DF. A escola é composta de 10 classes, sendo uma usada para biblioteca e outra para informática. Os professores entrevistados trabalham com crianças inclusas.

3.3 - Participantes

O trabalho contou com a participação de 4 professores, atuantes em classe inclusiva da Secretaria de Educação do DF. Os professores são do sexo feminino, com idade entre 30 e 47 anos, todos com mais de dez anos de atuação. Possuem formação em Magistério e Pedagogia.

3.4 - Procedimento de análise dos dados

Após a aplicação do questionário com os professores, procedeu-se a leitura do material, as informações foram interpretadas com base nos teóricos apresentados neste trabalho. Em consonância com os objetivos da pesquisa e com as informações obtidas por meio do questionário, criamos um quadro com perguntas e respostas dos professores as quais atenderam metodologicamente o proposto nesta investigação, e assim permitiram a análise de cunho interpretativo e qualitativo de acordo com Maciel & Raposo (2010), que permite o reconhecimento dos sujeitos envolvidos na pesquisa e sua singularidade.

IV - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para melhor organização e análise das informações obtidas criamos um quadro com perguntas e respostas feitas no questionário que nos possibilitarão conhecer a percepção dos professores em relação aos alunos com Paralisia Cerebral.

As perguntas e respostas apresentadas estão pautadas nos exemplos das falas dos professores, seguidos de discussão acerca da resposta obtida.

Abordaremos as seguintes perguntas:

- 1- Você já lecionou para algum aluno com paralisia cerebral que apresentasse sérios problemas nas funções motoras?
- 2- O aluno demonstrava capacidade para aprender o que você ensinava?
- 3- De que forma você percebe se ele tem ou não capacidade para aprender?
- 4- A limitação física era um impedimento para a sua aprendizagem?
- 5- A inclusão desses alunos em classes regulares é possível?
- 6- O professor dessas classes tem condições de trabalhar com esses alunos de forma satisfatória?
- 7- Em algum momento você se surpreendeu com o bom desempenho desses seus alunos na resolução de atividades?
- 8- Esse aluno, em sua opinião, tem condições de alcançar uma faculdade?
- 9- Você acha que a inclusão escolar para essa clientela tem sido favorável?

Quadro 1 - “Você já lecionou para algum aluno com paralisia cerebral que apresentasse sérios problemas nas funções motoras?”

PROFESSOR	FALA
Professor A	Sim
Professor B	Sim
Professor C	Sim
Professor D	Sim

A fala dos professores demonstra que os mesmo já possuem experiência para trabalhar com alunos com Paralisia Cerebral, nesse sentido percebe-se que

esses professores já conhecem o processo de inclusão e seus desafios.

Sabemos que o processo de inclusão já evoluiu muito, contudo segundo Mitjáns Martínez (2006), citado por Maciel e Raposo (2010) os profissionais envolvidos no contexto escolar, sentem-se sozinhos e frustrados por não saber onde procurar ajuda para solucionar problemas que o processo de inclusão estabelece para a dinâmica educacional.

Essas angustias não são vivenciadas só pelos professores envolvidos nesse processo, os pais também encontram barreiras tanto de acesso como também de permanência dos alunos na escola. Essas dificuldades perpassam a escola e o contexto familiar.

Quadro 2 - "O aluno demonstrava capacidade para aprender o que você ensinava?"

PROFESSOR	FALA
Professor A	Sim
Professor B	A maioria apresentava o cognitivo preservado, logo o conteúdo teórico era bem assimilado.
Professor C	Sim
Professor D	Através da observação

Nesse aspecto abordado observa-se que os alunos com Paralisia Cerebral com comprometimentos motores apresentam o aspecto cognitivo relativamente preservado, com potencial para aprendizagem. Esse resultado corrobora com a ideia do estudo que é mostrar que esses alunos apresentam potencial de aprendizagem.

Nesse contexto percebe-se que a singularidade está atrelada à diversidade humana. Diversidade essa que significa o respeito às diferenças, isto é, às variações que as pessoas podem ter em suas capacidades e comportamentos, precisamos

valorizar o potencial de cada um, não podemos ficar focado no que o sujeito perdeu, no caso desses alunos as habilidades motoras. Esses alunos tem múltiplas alterações, tanto do ponto de vista físico, quanto mental ou psicossocial. Tal concepção parte do pressuposto que não somos iguais, somos sujeitos únicos, com nossas singularidades. Diante de tais indagações, Vygotski (1994) citado por Kelman (2010) ressalta que é preciso desigualar condições para igualar oportunidades. Ou seja, como o desenvolvimento humano é marcado pelas diferenças, necessitamos entendê-las e respeitá-las para que todos possam se desenvolver de acordo com seu potencial.

Quadro 3 - "De que forma você percebe se ele tem ou não capacidade para aprender?"

PROFESSOR	FALA
Professor A	Através da observação.
Professor B	Por meio de avaliações e de questionamentos apresentados.
Professor C	Ele participava da sala.
Professor D	Através da observação.

Nesse sentido a observação e envolvimento do professor é fundamental, sabemos que esses alunos necessitam de atendimento individualizado com adaptações curriculares, um currículo funcional de acordo com a individualidade de cada um.

Para tanto Maciel & Raposo (2010), colocam que o currículo escolar deve oferecer um espaço para que as práticas de letramento se operacionalizem, configurando o papel transformador da escola. Visando assim atender a todos de acordo com as dificuldades de cada um. Tal realidade exige um repensar os currículos escolares a fim de que a escola cumpra sua função no que diz respeito à formação de um ser pleno, permitindo aos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao

exercício da cidadania. Assim Goodman (1969; 1989; 1997) citado por Maciel & Raposo (2010) diz que aprender a ler é algo que começa com o desenvolvimento do sentido das funções da linguagem escrita. Ler é buscar significado, e o leitor deve ter um propósito para realizar essa busca.

Quadro 4 - "A limitação física era um impedimento para a sua aprendizagem?"

PROFESSOR	FALA
Professor A	Sim
Professor B	Nas atividades físicas sempre existiam limitações, mas sempre descobriam novas formas.
Professor C	Não os colegas o ajudavam a escrever.
Professor D	Não.

Diante das colocações dos professores, observa-se que esses alunos buscam algumas estratégias para superar as limitações, como percebemos na fala do professor B "eles descobrem novas formas." Assim (AICARDI, 1998; BLECK NAGEL, 1982). Citado por Gil, Santos e Barbato, coloca que o distúrbio motor, principal característica da Paralisia Cerebral, pode estar associado a envolvimento cognitivo e neuropsicológico envolvendo habilidades como a atenção, memória, planejamento de ação mental, resolução de problemas e processos de abstração ou generalização. Apresentam também, distúrbios na fala e alterações sensoriais visuais ou auditivas. Contudo percebe-se que mesmo com todas essas limitações, esses alunos tem potencial de aprendizagem, temos que levar em consideração as habilidades de cada um, precisamos ressaltar o que cada um é capaz de fazer, como vimos na fala do professor em relação à limitação física, eles descobrem novas formas.

Quadro 5 - "A inclusão desses alunos em classes regulares é possível?"

PROFESSOR	FALA
Professor A	Só com a presença de um profissional para acompanhá-lo.
Professor B	Todos esses alunos com esses problemas eram de classes regulares.
Professor C	Acho que sim.
Professor D	Só com a presença de um profissional para acompanhá-lo.

Como já citado anteriormente, esses alunos apresentam algumas alterações significativas, o que dificultam o seu desenvolvimento pleno, sabemos que em sala do ensino regular o professor tem um número considerável de alunos, o que dificulta a atenção e o atendimento individualizado que os alunos com paralisia cerebral necessitam. É evidente na fala dos professores a necessidade de ajuda de outras pessoas. A Secretaria de Educação do DF disponibiliza os profissionais monitores para auxiliar nas salas de recurso, nos atendimentos individualizados e também acompanhamento direto com alunos mais comprometidos, no entanto sabemos que esse número de profissionais ainda é pequeno, o que dificulta o acompanhamento direto que esses alunos necessitam. Comprometendo assim a ação pedagógica e consequentemente o trabalho do professor e também o desempenho desses alunos.

Quadro 6 - “O professor dessas classes tem condições de trabalhar com esses alunos de forma satisfatória?”

PROFESSOR	FALA
Professor A	Sozinhos não.
Professor B	Temos o apoio da sala de recurso, mas a falta de preparo existe.

Professor C Com o auxílio da sala de recurso sim.

Professor D Sozinhos não.

De acordo com as resposta dos professores, é observado a necessidade de apoio seja da sala de recursos, do atendimento especializado, da equipe de apoio e diagnóstico, da família, enfim é um trabalho em equipe integrada visando flexibilizar a aprendizagem dos alunos. Além desse apoio, os professores contam também com interfaces que facilitam tanto a locomoção como também a comunicação desses alunos, como é o caso dos recursos tecnológicos que facilitam a escrita, a leitura e a comunicação desses alunos.

Quadro 7 - “Em algum momento você se surpreendeu com o bom desempenho desses seus alunos na resolução de atividades?”

PROFESSOR	FALA
Professor A	Sim
Professor B	Varias vezes.
Professor C	Sim
Professor D	Sim

Quadro 8 - “Esse aluno, em sua opinião, tem condições de alcançarem uma faculdade?”

PROFESSOR	FALA
Professor A	Sim
Professor B	Claro que sim
Professor C	Sim, tem um aluno que estuda no Ceub.
Professor D	Depende do acompanhamento recebido.

Quadro 9 - “Você acha que a inclusão escolar para essa clientela tem sido favorável?” No questionário essa pergunta é a de número dez, condensamos a pergunta oito e nove, tendo em vista que elas estão interligadas.

PROFESSOR	FALA
Professor A	Não, tem que haver mais apoio.
Professor B	Acredito que sim. A socialização é melhor e também são mais exigidos. Porém em alguns casos seria melhor um acompanhamento mais especializado.
Professor C	Acho que sim.
Professor D	Não tem que haver mais apoio.

Como já colocado, a inclusão é um processo que já avançou muito, contudo ainda não abarca todas as escolas em sua plenitude, ao mesmo tempo que as políticas públicas pregam a inclusão e a ideia é que todas essas crianças façam parte da sociedade em sua plenitude, percebemos que esse alunos não contam com o apoio necessário ao seu desenvolvimento.

Os professores ainda são temerosos ao receberem um aluno com qualquer dificuldade. A escola precisa ampliar sua compreensão do que venha a ser uma escola inclusiva. É comum ainda se ver o discurso, de que já avançamos muito, mas é comum encontrar profissionais com postura não inclusiva, ainda tão presente em muitas escolas.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho considera que, dependendo da lesão cerebral, nem todas as crianças com Paralisia Cerebral apresentam capacidades, e que, apesar de uma alteração motora, em menor ou maior grau, algumas crianças apresentam capacidades intelectuais que permitem este trabalho pedagógico.

A teoria de Vigotski foi escolhida para entendermos a relevância de sua obra, sobre tudo, no que refere à importância da mediação da criança deficiente em um contexto escolar. Segundo Vigotski, a inclusão escolar tem que ser um ambiente que promova significado a vida do sujeito, uma vez que ao possibilitar interações sociais que sejam mediada, o professor possibilitará a criança ter uma melhor noção do mundo em está inserido e assim será possível promover uma autonomia, e esse sujeito será mais participativo e ativo na construção da sua própria história.

Os instrumentos simbólicos não são apenas um recurso didático, mas um instrumento facilitador utilizado no sentido de criar situações de conflito e reflexão sobre as ações. Podemos conferir essa colocação com a fala de outro professor entrevistado. De acordo com a sua resposta podemos constatar que, para que o aluno especial seja bem assistido em seu processo de inclusão e que o ensino possa fazer um diferencial em seu desenvolvimento é necessário que a escola ofereça um ambiente contextualizado de forma que atenda de forma satisfatória as limitações desse aluno. Veja colocação abaixo:

“A inclusão desses alunos em classes regulares é possível? – Sim. A inclusão é totalmente possível com adaptações, estudos...(Quest..nº5 em 11/03/20110)”

Toda criança, independente de suas singularidades é um ser histórico-cultural portanto a deficiência também está contextualizada e marcada pelas condições concretas de vida social. Os portadores de PARALISIA CEREBRAL também estão expostos a essas experiências culturais e sociais, menos intensamente, menos participativa, mas estão vivenciando, de alguma maneira, essas emoções e processos de aprendizagem da leitura do mundo. O fato de estarem convivendo em

um meio social e familiar que lhes garantem a possibilidade de verem o mundo através do outro e se perceberem enquanto sujeito pensante e cogniscente, elaborando novas estruturas cognitivas e reflexivas.

Uma inclusão bem sucedida consiste em saber como criar situações novas que facilitarão apropriação do conhecimento dessa criança. O que fazer para que elas tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem que as crianças eu não possuem essas limitações especiais? Com o recurso do computador, há adaptações possíveis de serem feitas no sentido de criar possibilidades virtuais.

O resultado desse trabalho fornece informações sobre a importância de investimento na educação de crianças deficientes, independente das limitações que seu corpo apresenta. O professor não deve desconsiderar que a meta de sua ação pedagógica é facilitar no processo de desenvolvimento da Inteligência da criança em um ambiente que possa passar confiança, autonomia tanto moral quanto intelectual.

Sabemos que os recursos em escolas públicas para o trabalho pedagógico são precários. No que refere o ensino diferenciado, onde atende crianças que demandam um atendimento com mais técnicas e preparação pedagógica fica mais complicado.

Os questionários comprovaram que o aluno com paralisia cerebral tem sido bem assistido nas escolas regulares e que, a política pedagógica é bem efetiva nos planejamentos curriculares. Por tanto, através da análise desse instrumento, foi possível perceber a visão dos professores, quanto ao ensino aprendizagem desses alunos.

Porém, como foi possível observar nas entrevistas realizadas na Escola Classe do Gama-DF, os professores, mesmo tendo a consciência que não foram preparados previamente para atender essa clientela se esforçando atender as expectativas não só da secretaria de educação e famílias como principalmente os desejos ao conhecimento que as próprias crianças manifestam. Isso faz toda diferença. Sabemos que para alcançar alguns objetivos de ensino com crianças acometidas de paralisia cerebral não é fácil.

Uma sugestão seria adequar algumas atividades que favorecesse um ambiente lúdico constituído de jogos e brincadeiras com a intenção de estimular não só o desenvolvimento cognitivo como também o motor. Essa ação tem como subsídio a teoria sócio-histórica de Vigotski, onde segundo o autor as atividades lúdicas trabalham o potencial das crianças. Tem sido constatado que o ensino de forma lúdica vem promovendo melhora não só ao que refere o cognitivo como também na coordenação, equilíbrio, preensão de objetos e atenção. É claro que em se tratando de criança com sérios problemas motor tudo fica mais difícil, mas se

dermos oportunidade para que elas trabalhem suas dificuldades elas mesmas descobriram novas formas de realizar as estratégias de jogos e brincadeiras.

O trabalho cooperativo em sala de aula com a participação dos colegas e do professor possibilitará a troca de conhecimento. Esse procedimento atuará como elementos facilitadores no processo de ensino-aprendizagem e contribuem para a estruturação de significados. (...) é na e pela interação social que as funções cognitivas são elaboradas (PALANGANA, 1997, p.126).

Através da pesquisa realizada em caráter exploratório com perguntas abertas foi possível analisar que os professores acreditam que a pessoa com paralisia cerebral poderá ter um desempenho satisfatório, desde que o ambiente seja facilitador considerando as limitações motoras apresentadas por estes alunos.

REFERÊNCIAS

A Deficiência como Fenômeno Socialmente Construído. Comunicação na XXI Semana da Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e Documentação da UNESP/ Marília. Marília, mimeo, 1980.

BASIL, Carmem. Os Alunos com Paralisia Cerebral: Desenvolvimento e Educação. Porto Alegre, 1995.

Barnes, C., Oliver, M., & Barton, L. (2002). *Disability studies today*. Cambridge: Polity COLL, César. Desenvolvimento Psicológico e Educação- Necessidades Educativas Especiais e a Aprendizagem Escolar. Porto Alegre 1995.

SALAMANCA Declaração de, e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. 2ª. ed. - Brasília: CORDE, 1997.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo 2007.

GARNIER. Catherine, BEDNARZ. Nadine, ULANOVSKAYA. Irena Vygotsky e Piaget- Perspectivas social e construtivista escolas Russa e Ocidental. Porto Alegre, 1996.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2003.

GIL, I.L.C.; SANTOS, P.F; BARBATO. S. A pessoa com Paralisia Cerebral na Escola. *In*: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: UAB/UnB, 2010.

MACIEL, D.A.; RAPOSO, M.B.T. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. *In*: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: UAB/UnB, 2010.

PADILHA. Anna Maria. Práticas Educativas: Perperctivas que se Abrem para a Educação, São Paulo.2000.

PALANGANA, Isilda. Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vygotsky (A relevância do social). São Paulo 1997.

SASSAKI, R. K. *Vida Independente*: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos; reabilitação, emprego e terminologia. São Paulo: RNR, 2003.

SASSAKI, Romeu kazumi. Como chamar as pessoas que tem deficiência? Revista nova escola, São Paulo, nº11, p. 1-6, Out. 2006. Edição Especial. Disponível em: revistanovaescola.abril.com.br/Ed_anteriores_especiais/Esp_011.shtml. Acessado em 28 de maio de 2011.

TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. SÃO Paulo: Atlas, 1995.

ANEXOS

13- Anexos(p. 45) – Colocou nos anexos as cópias dos **questionários preenchidos**. Seria bom deixar apenas o modelo do instrumento (no instrumento aparece escrito **questionário e acima entrevista**). Dentro do trabalho e ao final, cita um trecho de resposta do pesquisado (exemplo: página 40, ao final) e se refere ao instrumento como entrevista.

[P1] Comentário: Retirar isso antes de imprimir.

. Prancha de comunicação alternativa, também usada como sistema de varredura. Utilizado com crianças alfabetizadas, mas que apresentam dificuldade na oralidade funcional; dimensionada de acordo com a percepção visual, atenção e estratégia de acionamento

A	E	I	O	U
B	C	D	F	G
H	J	K	L	M
N	P	Q	R	S
T	V	W	Y	X
Z	SS	Ç	SC	CH
LH	NH	RR	!	?

SIM	NÃO
------------	------------

0	1	2	3	4
5	6	7	8	9
10	20	30	40	50
60	70	80	90	100
+	-	X	:	

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO
JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO
NOVEMBRO	DEZEMBRO			

Caro participante.

Esse questionário faz parte de uma pesquisa sobre deficiência, rivalizada por uma mestranda do programa de pós graduação em Educação da UNB.

O questionário é muito simples e fácil de ser respondido. Suas respostas serão tratadas no conjunto de todos os participantes e você não será identificado. Por favor, responda as questões abaixo.

Agradecemos a sua colaboração.

Questionário para o Professor responder

- 1- Você já lecionou para algum aluno com paralisia cerebral que apresentasse sérios problemas nas funções motoras?
- 2- O aluno deslustrava capacidade para aprender o que você ensinava?
- 3- De que forma você percebia isso...(que ele tinha ou não tinha capacidade de aprender)?
- 4- A limitação física era um impedimento para a sua aprendizagem?
- 5- A inclusão desses alunos em classes regulares é possível?
- 6- Os professores dessas classes têm condições de trabalharem com esses alunos de forma satisfatória?
- 7- Em algum momento você se surpreendeu com o bom desempenho desses seus alunos na resolução de atividades?
- 8- Esses alunos, na sua opinião, têm condições de alcançarem uma faculdade?
- 9 - Tem algum exemplo para citar?
- 10 – Você acha que a inclusão escolar para essa clientela tem sido favorável?